

ENTREVISTA

Yeah Sameka candidato a presidente de Mali, onde golpistas suspenderam as eleições

“O povo parece estar se acostumando”



Prefeito de Ouéllessébougou, cidade de 35 mil habitantes em Mali, Yeah Sameka fazia campanha eleitoral para presidente quando um golpe militar em 23 de março estremeceu a democracia em construção no país. Era considerado o nome com mais chances de vencer o pleito, transferido para daqui a 18 meses. De origem pobre, passou fome na infância – até hoje um dos principais problemas da ex-colônia francesa. Mórmon em meio à população de muçulmanos, defende medidas anticorrupção e investimento em educação. Por telefone, Sameka conversou com ZH sobre a situação do país que um dia ele poderá governar.

Zero Hora – Mali foi uma democracia de relativo sucesso nos últimos 20 anos. O que ocorrerá agora?

Yeah Sameka – Desde 23 de março, os líderes políticos e a comunidade internacional estão tentando encontrar uma maneira de trazer a ordem constitucional de volta ao país, que conjuga a preservação territorial de Mali com eleições livres. O povo de Mali, porém, parece estar se acostumando com o golpe e se habituando com os militares como governantes, o que é muito ruim porque precisamos do retorno imediato da ordem constitucional. E essa crise ocorre no momento em que Mali está sob ataque de inimigos.

ZH – Mas há uma promessa do retorno à democracia, certo?

Samake – Sim, existe uma esperança de eleições em até 18 meses. Nós acreditamos fortemente nessa possibilidade.

ZH – O quão fortes são as raízes da democracia em Mali?

Samake – Eu não diria que temos uma democracia forte depois do que eu vi, com a queda de um governo e uma pessoa que agora clama ser presidente sem ter re-

cebido nenhum voto. Por isso, eu diria que Mali tem uma democracia muito superficial, porque esse sistema de governo pressupõe eleições limpas e livres, integridade, garantia de que todos os cidadãos serão tratados de modo justo pelas instituições.

ZH – Mali passou a ser agora uma ditadura?

Samake – Não, nós estamos seguros, confiantes, do retorno da ordem democrática.

ZH – O senhor pretende concorrer nas próximas eleições presidenciais?

Samake – Sim, eu acredito que posso, depois do que fiz como prefeito, provendo serviços e devolvendo à comunidade quase 70% do que foi coletado em impostos.

ZH – Quais são as fontes da sua campanha?

Samake – Eu recebo doações de todos os lugares do mundo, incluindo do Brasil, por meio do meu site (www.samake2012.com). Também recebo de gente dos Estados Unidos e muito outros lugares, porque eles acreditam no tipo de plataforma que construí. Eu não estou recebendo dinheiro do meu país

para concorrer, então eu não estou comprometido a devolver favores a nenhum dos meus doadores.

ZH – Você é um mórmon em um país com 90% da população muçulmana. Isso pode ser um problema?

Samake – Acredito que não. Estou concorrendo a presidente como um filho deste país, que se importa e o ama. Eu já provei isso ao prover serviços, ao criar 15 escolas de negócios, ao aprimorar o sistema de saúde e educação. Eu não governo com base em qualquer tipo de filiação religiosa. Com muitos, eu vim de uma família pobre, conheci o que é a dor da pobreza. Entendo a importância de criar oportunidades para as pessoas

ZH – Há relação entre a queda de Kadafi, na Líbia, e os problemas enfrentados na região norte de Mali?

Samake – Claro. As pessoas que estão criando problemas na região norte de Mali eram, na maior parte, mercenários de Kadafi que conseguiram escapar depois da queda do regime líbio. Mas é Mali e o povo de Mali que precisam garantir que as fronteiras sejam mais fortes do que têm sido.

CAMPANHA AMERICANA

Arrecadação de Obama supera a de Romney

Se as últimas pesquisas mostram Barack Obama e Mitt Romney empatados na disputa pela Casa Branca, em pelo menos um quesito o presidente democrata está à frente do virtual candidato republicano: arrecadação financeira para a campanha.

Segundo um informativo divulgado pelos dois candidatos na sexta-feira, Mitt Romney arrecadou US\$ 12,6 milhões em contribuições em março – somados aos quase US\$ 14 milhões arrecadados pelo Partido Republicano. A cifra está bastante abaixo da obtida por Obama, que, junto ao Partido Democrata, arrecadou cerca de US\$ 53 milhões no mesmo período. Um investimento de um comitê republicano deve deixar as quantias parelhas nos próximos dias.

Enquanto Romney recém começa a arrecadar dinheiro para a campanha geral, Obama está há quase três meses pedindo doações – presidentes em exercício, como ele, tendem a ter mais dinheiro porque não precisam financiar eleições primárias. Na sexta-feira, Obama conseguiu um nome de peso para ajudá-lo a passar o chapéu: o ator George Clooney, que fará em sua casa um evento para arrecadar fundos para o democrata.

SEGURANÇA DE OBAMA

Novas baixas no serviço secreto

Mais três integrantes do Serviço Secreto americano se demitiram na sexta-feira depois de um caso relacionado com prostitutas em Cartagena, na Colômbia, antes da chegada de Barack Obama para participar da Cúpula das Américas. As novas demissões elevaram para seis o número de agentes que deixaram o Serviço Secreto, encarregado de proteger o chefe de Estado americano, nos últimos dias.

MISSÃO AMPLIADA

Brasileiros podem ser enviados à Síria

Uma futura missão ampliada de observadores da ONU na Síria pode ser integrada por brasileiros, conforme afirmou ontem o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota. Atualmente, um comandante da Marinha participa da missão no país, que há 13 meses vive uma onda de violência causada por confrontos entre manifestantes e forças leais ao regime sírio.

Golpes de Estado



MALI

• **Depois de** 20 anos de estabilidade, o país teve as fronteiras do norte invadidas e um golpe de Estado que derrubou o regime. O governo interino promete novas eleições.



GUINÉ-BISSAU

• **Desde a** independência de Guiné-Bissau nos anos 1980, violência, guerra civil e golpes militares viraram rotina da ex-colônia portuguesa.

Tensão militar



SUDÃO

• **O presidente**, Omar al-Bashir, mantém um regime autoritário com apoio de grupo islâmicos. É acusado no Tribunal Penal Internacional por crimes de guerra e genocídio em Darfur.



SUDÃO DO SUL

• **O mais** novo país do mundo conquistou a independência do Sudão em 9 de julho de 2011, mas ameaça o vizinho com tropas em uma região disputada e com risco iminente de guerra.

Primavera Árabe



LÍBIA

• **O fim** de Kadafi não foi o fim dos problemas na Líbia. O regime interino tem dificuldades de assegurar seu poder. Há relatos de tortura de ex-governistas e violência do atual governo.



TUNÍSIA

• **Berço da** Primavera Árabe, o país teve eleições no final de 2011. Um partido islâmico domina agora o Congresso, mas os direitos das mulheres, por exemplo, foram preservados.



EGITO

• **Mesmo após** a queda de Mubarak, os manifestantes não deram trégua à Junta Militar que governa o país. Grupos de poder disputam as indicações para as eleições presidenciais.

Terrorismo



NIGÉRIA

• **Foram quatro** atentados neste ano do grupo terrorista islâmico Boko Haram. Os EUA lançaram alerta de possíveis ataques a cidadãos americanos.



ARGÉLIA

• **Os grupos** que atacam o norte de Mali começam a causar problemas também no sul da Argélia. Sete diplomatas foram feitos reféns por grupos terroristas.



SOMÁLIA

• **Em um** dos países mais pobres do mundo, a milícia radical Al-Shabab banuiu a presença de agências humanitárias na área que controla do país.



MAURITÂNIA

• **A Mauritânia** se antecipou, usando o apoio francês como forma de assegurar as fronteiras diante da ameaça de rebeldes tuargues.